ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ENSINO MÉDIO: INFLUÊNCIAS NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Célia Torres de Oliveira
Maria Célia de Melo
Maria Osmilda de Almeida

RESUMO

Este artigo enfoca questões sobre a influência da família nos níveis de indecisão profissional de jovens no ensino médio, ressaltando a importância da Orientação Vocacional e também o Papel do Orientador Educacional num momento tão repleto de dúvidas e incertezas para o adolescente. O trabalho tem por objetivo esclarecer a influência dos pais na escolha profissional dos jovens, analisando os conflitos existentes a partir de tal escolha, e demonstrar a importância da Orientação Vocacional nesse momento. Sabe-se que o momento da escolha vocacional/profissional coincide com a fase em que o adolescente encontra-se em conflito com a sua própria identidade. Através de estudos bibliográficos são explicados aspectos significativos para nortear a escolha da profissão dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, evidenciando que o autoconhecimento e a informação sobre as profissões são fatores essenciais na definição do futuro profissional.

Palavras-chave: Orientação Vocacional. Influência Familiar. Papel do Orientador

INTRODUÇÃO

Escolher faz parte da vida de qualquer pessoa. Desde que nascemos estamos sempre escolhendo o que queremos comer, qual roupa iremos vestir. Então, se já estamos acostumados a escolher, por que quando se trata de escolher um trabalho, um fazer profissional, sentimos tantas dificuldades?

Este artigo consiste em analisar o papel da Orientação Vocacional no Ensino Médio na busca do entendimento sobre as questões que envolvem as escolhas profissionais dos jovens. Ao discutirmos sobre nossa vocação deparamo-nos com questões conflitantes que se referem ao meio familiar e educacional. O momento desta escolha coincide com a busca de nossa própria identidade e dos valores pelos quais primamos. Portanto, discutir os processos que permeiam a escolha profissional bem como os principais fatores que podem influenciar nesta escolha permitirá aos alunos refletir sobre essas questões com um olhar mais crítico, fazendo-os buscar informações sobre as profissões que almejam seguir.

A orientação vocacional é um trabalho técnico - cientifico e não se baseia em suposições. Ele possui uma fundamentação que deve e merece ser respeitada. É um trabalho que visa a instrumentar o jovem para que ele exerça a sua escolha profissional, ou seja, é através dela que o individuo será preparado.

Entendendo que as ansiedades predominantes vividas pelo adolescente são parte de um processo familiar, toda escolha profissional alicerçada em cima de conflitos ocasionará problemas de percurso que angustiam todo o grupo familiar. Diante disso, ele entra no mundo de tensão e contradições, anseio de liberdade e ao mesmo tempo, impotência para se afirmar como um ser independente.

O estudo traz a reflexão e compreensão sobre a influência explícita ou implícita do contexto familiar e do orientador educacional na escolha vocacional dos jovens através de intervenções, intencionais ou não, tornado-se extremamente relevantes, pois servirá como base para outras pesquisas. Trará informações a respeito das influências na escolha profissional dos adolescentes e das dificuldades atuais no mercado de trabalho.

A adolescência é uma fase de inúmeras mudanças entre as quais está o desinteresse pela infância, ingressando no mundo adulto. O adolescente se depara no mundo de tensão e contradições, anseios de liberdade e ao mesmo tempo,

impotência para se afirmar como ser independente, sente-se sem compromisso com o próprio projeto de vida, vivendo assim uma ilusão sobre sua identidade. Diante de tal momento conflitante, depara-se com influências que podem ocasionar escolhas sem reflexão, como colocam as autoras Giacaglia e Penteado:

> A escolha profissional faz parte do cotidiano da maioria dos jovens, ela é de grande importância na vida deles, pois uma escolha madura se baseia na possibilidade do uso defensivo das identificações a um uso instrumental ao identificarem-se com seus gostos, interesses e aspirações. Assim, necessitam de uma orientação sobre que rumo tomar no sentido de tornarem-se melhores profissionais e sentirem-se mais realizados. (GIACAGLIA; PENTEADO, 1981, p.47)

Essa orientação surge a partir das dificuldades relacionadas à escolha profissional, auxilia os jovens em todos os níveis sociais a escolherem e se prepararem para enfrentar uma ocupação propícia, deixando-os satisfeitos, pois pessoas descontentes com o trabalho tornam-se improdutivas nas funções que desempenham. É também um instrumento que dá condições ao jovem de fazer uma reflexão sobre os diversos tipos de profissões, tornando assim pertinente a tentativa de ingressar no campo de trabalho.

Segundo Soares (1993, p. 147) Orientação Vocacional é “parte do processo de educação, o que significa que a escolha deveria estar organicamente inserida na formação do estudante como atividades práticas, mesclada ao longo da formação mais ampla”.

Refletindo sobre as afirmações já citadas, o presente artigo objetiva investigar a influência familiar e do orientador educacional na escolha profissional dos jovens como também os conflitos existentes a partir de tal escolha.

Este artigo é composto de dois momentos. O primeiro refere-se ao papel do orientador educacional na escolha da profissão dos jovens que estudam no Ensino Médio, e o segundo trata da influência familiar na escolha profissional e vocacional de cada jovem.

Para tanto, partiremos de análises bibliográficas com base em autores renomados e estudiosos do assunto; como também uma investigação em campo que será feita através de entrevistas com alguns educadores que atuam no Ensino Médio.

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL E A ESCOLHA PROFISSIONAL: O PAPEL DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

Atualmente, com uma grande quantidade de cursos disponíveis, especializações surgindo a todo o momento, profissões se modificando, além de um mercado de trabalho cada vez mais exigente e diversificado, a Orientação Vocacional / Profissional emerge como uma alternativa fundamental que visa a auxiliar os indivíduos no processo de escolha profissional.

A partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 9.394/96, parece ter havido por parte dos orientadores uma maior preocupação em promover essa articulação, na medida em que há uma referência explícita na urgência dessa vinculação frente às mudanças ocorridas no mundo do trabalho, como o que prevê a própria lei, no sentido de que a prática escolar se vincule à prática social mais ampla.

O pressuposto é o de que a Orientação Vocacional para atender as novas demandas do mundo do trabalho e da cultura terá que reformular sua prática, de maneira que esta se vincule ao processo de reflexão crítica junto aos alunos desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, para que, ao chegarem ao ensino médio estes alunos estejam mais bem preparados para a realização de suas escolhas profissionais.

Nas últimas décadas, o aumento da oferta de Ensino Médio público no Brasil tem feito com que milhares de jovens, que antes não tinham acesso a esse nível de ensino, hoje sejam oportunizados com o curso. Esse fato poderia significar que o jovem brasileiro pudesse ter maiores chances de ingressar no mercado de trabalho em profissões que exijam maior qualificação, além de uma maior possibilidade de cursar o ensino superior. No entanto, entre a escolha profissional realizada e a efetivação dessa escolha, há um caminho repleto de fatores condicionantes que podem interferir na realização do curso ou da profissão desejada.

Dessa forma a escolha profissional do aluno do Ensino Médio é colocada em segundo plano, visto que elementos como a necessidade de trabalhar, a falta de recursos para pagar um cursinho pré-vestibular ou uma faculdade, impossibilita uma concorrência com igualdade com alunos oriundos de classes economicamente favorecidas, podem ter um peso decisivo na concretização de suas escolhas.

A necessidade de escolher uma profissão surgiu após a instalação do modo de produção capitalista. Até então cada individuo tinha sua profissão determinada pela família.

> No início da década de 50, a psicologia começava a colocar a psicometria em segundo plano, surgindo com esse fato uma nova teoria, fundada por um economista com tendências freudianas, chamado Eli Ginzberg e alguns colaboradores, denominado de teoria desenvolvimentista da escolha profissional, esta contraria o enfoque psicometrista, que tinha a escolha como algo fixo que era identificado em um momento da vida (fim do último ano secundário), a teoria desenvolvimentista define a escolha profissional como um processo que se inicia ao final da infância e termina no inicio da fase adulta (PIMENTA, 1998, p. 196).

A Orientação Vocacional, historicamente, tem servido mais a alunos oriundos da escola particular (que possuem maiores possibilidades de escolha) do que aos da escola pública, visto que, para esses, outros fatores ligados à sua condição de classe interferem em sua trajetória educacional e profissional. Esses fatores, muitas vezes, são desconhecidos pelos orientadores profissionais, que acabam por homogeneizar sua prática.

A abordagem histórica da orientação vocacional/profissional surge como alternativa à aplicação dos ultrapassados testes vocacionais, procurando facilitar o processo de escolha profissional, possibilitando a elaboração dos fatores que deram origem à situação de dúvidas pela qual passa o aluno no momento da escolha profissional, além de trabalhar o conhecimento dos cursos, das profissões e do mercado de trabalho.

> Para a maioria das pessoas, jovens ou adultos, a identidade vocacional forma uma parte importante de sua identidade geral. Ter um emprego valorizado pela sociedade, e ter sucesso nele, aumenta a auto-estima e facilita o desenvolvimento de uma identidade cada vez mais segura e estável. Por outro lado, quando a sociedade aponta que alguém não é necessário e que não há disponibilidade de bons empregos (uma mensagem que está sendo dada, atualmente, a grandes números de jovens minoritários desfavorecidos), pode gerar dúvidas, incertezas, ressentimentos e perda da auto-estima. Aumenta a probabilidade de confusão de identidade ou mesmo, como em alguns casos de delinqüência ou abandono, uma identidade negativa. (MUSSEN, 1995, p. 568).

É imprescindível que os educadores saibam aplicar as técnicas de orientação profissional, no sentido de auxiliar seus alunos nesse momento crucial em que se faz necessária a opção por uma profissão. Além de construir junto com os

educadores uma proposta de facilitação na escolha da profissão, a orientação vocacional propicia ao educador realizar uma reflexão acerca dos determinantes pessoais e sociais das opções profissionais, afim de que este possa colaborar na inserção crítica e consciente de seu aluno no curso universitário e no mundo do trabalho.

A profissão de Orientador Educacional foi criada através da Lei nº 5.564 de 21 de dezembro de 1968 e regulamentada pelo decreto nº 72.846/73. O profissional atua principalmente na área educacional, onde auxilia o aluno nos aspectos sociais, individuais e profissionais, devendo verificar suas aptidões, habilidades, qualidades e identificar suas deficiências.

É também papel do orientador ajudar o adolescente a encarar a frustração como algo inerente à vida, ensinando-o a aprofundar as informações e a tolerar os aspectos difíceis que toda escolha envolve. Outra tarefa, de fundamental importância, a ser executada pelo orientador profissional, é preparar o corpo docente da escola para que os alunos possam encontrar nos educadores (professores, pedagogos), um ponto de apoio e equilíbrio na sua caminhada.

A atuação da Orientação Educacional por fazer parte do âmbito escolar, através da observação, da análise de contextos que ocorrem no espaço escolar, exige que este profissional conheça a cultura organizacional da escola. Para que o Orientador Educacional de uma escola possa realizar seu trabalho em busca de uma educação de qualidade, deve conhecer com total domínio a cultura que rege a organização da escola em que atua. Ou seja, deve conhecer seus valores, suas crenças, sua história, seus heróis para que possa, da melhor maneira, orientar os professores em seu trabalho e dificuldades, assim como fornecer suporte para as necessidades dos alunos.

Segundo Soares (1993, p. 147) Orientação Vocacional é “parte do processo de educação, o que significa que a escolha deveria estar organicamente inserida na formação do estudante como atividades práticas, mesclada ao longo da formação mais ampla”.

A conduta do orientador Educacional pode ajudar no bom andamento da cultura organizacional à medida que através de seu trabalho, busca o contato constante entre escola, aluno e pais, resolvendo seus conflitos, temores, inserindo-os cada vez mais na participação da realização do projeto político-pedagógico da escola.

De acordo com a pesquisa feita por Rebello (1993, p.17), “os alunos levam em consideração na hora da escolha, a carreira escolar, em quais disciplinas são bons ou ruins”. Porém esta consideração pode servir como um indicador, mas não como base para sua opção, pois gostar mais desta ou daquela disciplina pode estar associado à empatia ou antipatia que o aluno tem com o professor.

Na instituição escolar, o orientador educacional é um dos profissionais da equipe de gestão. Ele trabalha diretamente com os alunos, ajudando-os em seu desenvolvimento pessoal; em parceria com os professores, para compreender o comportamento dos estudantes e agir de maneira adequada em relação a eles; com a escola, na organização e realização da proposta pedagógica; e com a comunidade, orientando, ouvindo e dialogando com pais e responsáveis.

Embora esse seja um papel fundamental, muitas escolas não têm mais esse profissional na equipe, o que não significa que não exista alguém desempenhando as mesmas funções, qualquer educador pode ajudar o aluno em suas questões pessoais o que não deve ser confundido com as funções do psicólogo escolar, que tem uma dimensão terapêutica de atendimento. Para tornar-se um Orientador Educacional é preciso ter curso superior de Pedagogia ou pós-graduação em Orientação Educacional. As principais funções de um orientador são contribuir para o desenvolvimento pessoal do aluno, ajudar a escola a organizar e realizar propostas pedagógicas, trabalhar em parceria com o professor para compreender o comportamento dos alunos e agir de maneira adequada em relação a eles ouvindo-os, dialogar e orientá-los.

A grande tarefa da Orientação Vocacional é enfatizar o risco que há da dissociação entre prazer e trabalho, e, ao refletir sobre este aspecto, propiciar uma escolha de cunho prazeroso, corrigindo, assim, a representação do trabalho como uma obrigação desvinculada de satisfação.

Orientação Educacional voltada para as questões vocacionais, enquanto parte do processo educativo, auxilia o indivíduo a formar seus planos de vida e, a saber, tomar decisões por si mesmo, levando-o a um desenvolvimento contínuo e ascendente.

De acordo com Pimenta (1998, p. 125), “o trabalho de Orientação Vocacional indica um provável caminho a ser seguido para os jovens que almejam seguir uma carreira profissional”.

Na Orientação Vocacional é importante saber que uma escolha jamais é para a vida toda, que cada sujeito constrói e se descobre ao longo da vida e que a identidade profissional se transforma com o passar dos anos, ou seja, com o tempo ele amadurece e se torna mais consciente do próprio propósito.

Assim, um programa de orientação que realmente pretenda ser eficiente deve começar nos primeiros anos de escolaridade, modificando-se, crescendo, adaptando-se e procurando sempre seguir os interesses e as necessidades do aluno.

Em uma Escola Estadual, na cidade de Aracaju, foi constatada a presença do profissional na área de orientação vocacional que atua com precisão e coerência na execução do seu papel. As análises tornaram-se possíveis devido a uma entrevista feita com os educadores e profissionais da educação que atuam no Ensino Médio da referida escola. Estes profissionais alegam que o processo de orientar o educando ajuda-o em suas dúvidas e decisões de maneira sutil, mediante técnicas adequadas ao teste vocacional. Eles afirmam que o teste vocacional é importante para o jovem, pois facilita discernimento sobre sua profissão futura direcionando-o à escolha profissional e à realização pessoal.

INFLUÊNCIA FAMILIAR NA ESCOLHA PROFISSIONAL

Bohoslavsky (1993, p. 251) afirma, que “o grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental, e é por este motivo que os valores deste grupo formam as bases significativas na orientação do adolescente”.

A necessidade de escolher uma profissão surgiu após a instalação do modo de produção capitalista. Até então cada individuo tinha sua profissão determinada pela família.

A família ocupa um importante papel na sociedade por ser o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte, por isso influencia muito na escolha da carreira do adolescente. Mas toda opinião deve ser analisada com cuidado, alguns pais querem que o filho tome decisões sem saber do desejo real de cada um. Ela tanto pode criar oportunidade de experiências através de atividades e informações, como pode limitá-los. Cria e alimenta necessidades e molda os valores dos filhos. Põe à

disposição dos filhos recursos ou, ao contrário, priva-os de tais recursos. Assim, pode facilitar ou impedir o acesso a certos campos de interesse. É importante que a família valorize todas as profissões, levando o adolescente a perceber que há uma interdependência entre todas as profissões.

Com isso, a orientação vocacional no momento em que focaliza a vida ocupacional de um jovem, está se infiltrando no universo de representações do orientado e de seu grupo familiar.

O jovem, inserido numa família com seu dinamismo próprio, escolhe uma profissão muitas vezes sem conhecer as influências recebidas do meio familiar. A rede de relações que se forma em cada família, incluindo os avôs, bisavôs, tios, primos, está presente de uma maneira ou de outra nas diferentes escolhas que fazemos na vida. Ou seja, a família está presente desde nascimento participando de todas as decisões importantes apresentadas na vida de cada indivíduo.

As identificações com o grupo familiar e o valor que as profissões assumem nesse grupo influenciam o jovem. Uma grande parte das escolhas do jovem inclui uma representação social positiva ou negativa da profissão exercida pelos pais, sua relação com o trabalho e de que maneira o filho se identifica com as profissões familiares.

> Antigamente as famílias queriam sempre ter um filho militar, um padre e um médico, pois essas eram as profissões de maior poder na sociedade. Agora cada família quer ter um representante da medicina, direito ou engenharia, pois são consideradas as profissões de maior prestigio e status social. Apesar disso, um número muito grande desses mesmos profissionais encontra-se desempregado ou precisando trabalhar em diversos empregos para garantir um salário digno. (SOARES, 1993, p. 42).

A família tanto cria oportunidades de experiências através de atividades e informações, como pode limitá-las. Cria e alimenta necessidades e molda os valores dos filhos. Põe à disposição dos mesmos recursos ou, ao contrário, priva-os de tais recursos. Assim pode facilitar ou impedir o acesso a certos campos de interesse.

O jovem faz a escolha possível no momento que é exigido sem ter muita consciência da influência que sofre e, principalmente, sem ter informação suficiente sobre a profissão que está escolhendo.

Bohoslavsky (1995, p. 63), afirma que “a escolha muitas vezes é determinada pela família, pela estrutura educacional, pelos meios de comunicação de massa, pela estrutura dialética e a dialética subjetiva”.

O jovem, ao ter conhecimento de todos esses aspectos, passa a conviver com medo de ser mal sucedido profissionalmente, levando-o a se sentir inseguro quanto à questão da escolha certa. Escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que se foi na infância, os fatos mais marcantes da vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas.

De acordo com Mattiazi (1996, p. 95), “aos 15 anos o adolescente já tem os seus interesses firmados. Poucas mudanças se operam depois dessa idade, sendo assim, os interesses tornam-se estáveis”. Ele também afirma que se o jovem tem contato com uma boa orientação e tiver apoio familiar “é possível que ele realize uma escolha bastante segura, embora não definitiva”.

A família aparece como importante na escolha da carreira, mas sua opinião e expectativa devem ser analisadas com cuidado, pois alguns pais querem que o filho tome decisões, sem saber do desejo real deste. É comum vê-los divididos entre a profissão que a família quer e a que ele deseja.

Segundo Rebello (1993, p. 23), “a ocupação dos pais exerce influência significativa na escolha da profissão dos filhos”. Tal processo é mais provável quando o emprego dos pais tem alto prestígio, o filho tem bom relacionamento com o pai e ele fornece um modelo de papel geralmente positivo.

A escolha não é dada como opção, nós não somos educados e estimulados a escolher, ao contrário do que nos apregoa o capitalismo. O exercício da escolha, ou o da consciência, vem sendo diluído pela falta de oportunidades reais.

De forma geral a escolha de uma profissão ocorre quando o adolescente chega ao final do ensino médio e tem como pretensão entrar na universidade. Porém, de acordo com as leituras feitas, alguns dados revelam a preocupação de profissionais que trabalham com escolha profissional, com a qualidade das escolhas feitas por estes jovens e, posteriormente, a motivação e o interesse pelos estudos e com a futura vida profissional, pois há um esforço muito grande dos pais e da escola em preparar os alunos para enfrentar o exame para o vestibular.

De acordo com Soares (1993, p. 65),

> A realidade do mercado não permite hoje que se trabalhe com grandes categorias como engenharia, pedagogia, sociologia ou administração de empresas. A grande maioria das profissões sobreviventes apresenta contemporaneamente nuances e especialidades que ultrapassam em muito esses grandes enquadramentos. Também não é ainda suficiente que se entre no nível das especialidades reconhecidas (engenheiro eletricista, mecânico, eletrônica etc.). A realidade de trabalho faz com que surjam atravessamentos como engenheiro de processos, de produção, de segurança, de projetos, entre outros, que fogem totalmente ao mapeamento habitual.

Apenas cinco em cada cem vestibulandos que participam do processo seletivo pela primeira vez estão certos de suas escolhas antes de inscreverem-se para as provas. Os outros ficam apenas com uma vaga noção do que querem e ao se deparar com as dúvidas preferem escolher as profissões mais tradicionais. (REBELLO, 1993)

Bohoslavsky (1995 p. 164), afirma que “há diferentes modalidades de orientação vocacional, cada uma correspondendo a distintos quadros de referência, orientações teóricas, técnicas de trabalho e concepções de mundo”. Pode-se apontar, segundo ele, a “modalidade estatística” e a “modalidade clínica”.

A noção do desenvolvimento do ser humano a partir das relações que ele estabelece desde que nasce leva a compreender a situação do adolescente como um momento em que ele revive a fase do “reconhecimento do eu”. Ele está num momento de transformações, tanto física como psicológicas, e ainda está por definir quem realmente quer ser.

Para Bock (1998, p. 86), “a sociedade e sua ideologia responsabiliza o indivíduo por suas escolhas, camuflando todas as influências sociais que determinam sua opinião, é exatamente a combinação entre eles que determina a escolha profissional”.

Diante dos pressupostos, a Orientação Vocacional perseguirá dois tipos de objetivos: a definição de uma carreira ou de um trabalho. Considerando-se que a Orientação Vocacional permite ao jovem/adolescente aprender a escolher, como também a promoção da identidade profissional, sobretudo a estruturação de sua identidade pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existem dúvidas de que a vocação não seja, em absoluto, algo inato, ao contrário, certamente é adquirido, pois se atribui mais importância à aprendizagem do que ao oxigênio. Ao mesmo tempo, a tecnologia cada vez mais avançada isenta os pais de apreciar as habilidades de seus filhos. A escolha profissional é, pois, uma etapa de grande importância na vida de um indivíduo.

O orientador educacional auxilia o aluno em processo de aprendizado visando ao seu encaminhamento vocacional. Ele é responsável por implantar e viabilizar projetos pedagógicos, tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas. O orientador pode trabalhar individualmente ou com uma equipe interdisciplinar, usando métodos de psicologia no seu dia-a-dia.

Perante esses argumentos e as pesquisas feitas através dos referenciais bibliográficos concluímos que na maioria das vezes as famílias tentam forçar uma escolha profissional aos filhos, por acreditarem ser esta a melhor maneira de garantir um futuro promissor e seguro. No entanto, para o adolescente, mais importante do que essa segurança no futuro, seria o apoio de seus pais e familiares nos momentos da maior dúvida, e o auxílio de um profissional capacitado que o oriente conforme suas aptidões e talentos.

Os adolescentes devem ser preparados para a escolha profissional e, para que essa escolha aconteça de maneira equilibrada, devem receber orientação, não no sentido de ter alguém escolhendo por eles, mas para que possam chegar ao momento da escolha sabendo dizer o que querem e desejam para o seu futuro, pois a decisão é individual e somente cada indivíduo é capaz de decidir o caminho a seguir.

A melhor saída não está em abandonar o jovem à deriva com suas dúvidas, nem tão pouco apontar respostas imediatas às incertezas. O caminho consiste em ensiná-lo a procurar alternativas próprias, fortalecê-lo e, principalmente, fortalecer a si mesmo para tolerar o vazio e a insegurança que o medo perante o futuro suscita. Afinal “não existem decisões certas ou erradas, mas caminhos que vão sendo construídos ao longo da trajetória”.

REFERÊNCIAS

BOCK, S. **A opção profissional.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **A estratégia clinica**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação profissional:** a estratégia clinica. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GIACAGLIA, Lia R. A; PENTEADO, W. M. A. **Educação para a escola profissional**. São Paulo: Atlas, 1981.

MATTIAZI, Benjamim. **A natureza dos interesses e a orientação vocacional.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MUSSEN, Paul Henry. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. **Orientação vocacional e decisão**: estudo crítico da situação no Brasil. São Paulo: Loyola, 1998.

REBELLO, Marilene de Souza. Orientação educacional e familiar. **Revista Guia de Profissões.** Ano V. São Paulo: UNESP, 1993.

SOARES, Dulce Helena Penna. **Pensando e vivendo a orientação profissional.** São Paulo: Summus, 1993.